

Director

César Vieira Dinis

Comissão Redactorial

Ana Sofia Nava

Claudio Moraes Sarmento

Paula Carvalho

Conselho Editorial

Antonieta Ferreira de Almeida

Isaura Manso Neto

João Azevedo e Silva

Sara Ferro

Correspondentes Internacionais do Conselho Editorial

Beatriz Fernandes

Ivan Urlich

Kristian Valbak

Waldemar Fernandes

Werner Knauss

Correspondentes Internacionais da Secção de Neuro-psicanálise

Madeleine Scop Medeiros

Rómulo Viero

Comissão de Referees

Ângela Ribeiro (Portugal)

Aucíndio Valente (Portugal)

Beatriz Silvério (Brasil)

Carlos Góis (Portugal)

Eugénio Cruz Filipe (Portugal)

Graça Galamba (Portugal)

Guilherme Ferreira (Portugal)

João Carlos Melo (Portugal)

João França de Sousa (Portugal)

José Abreu Afonso (Portugal)

Luc Michel (Suíça)

Luís Barbosa (Portugal)

Maria Van Noort (Holanda)

Robi Friedman (Israel)

Rudolf Balmer (Suíça)

Waldemar Fernandes (Brasil)

Índice

Editorial	3
<i>César Dinis</i>	
Grupos com Adolescentes: da Família ao Social	4
<i>Carla Penna</i>	
Tempo e Identidade em Grupanálise	9
<i>Paulo Motta Marques</i>	
O Prometeu do Ser às Portas de Ágora	13
<i>Vasco Inglês</i>	
Comunicação Afectiva/Interacção Emocional no Processo Grupanalítico	16
<i>Mário David</i>	

Normas de publicação

A revista **Grupanálise online.pt** aspira a ser uma revista nova e dinâmica. Não pretendemos que seja uma cópia em Internet do conceito clássico de uma revista em papel. Desejamos, sim, que se torne um fórum mais alargado a autores nacionais e internacionais e a temas novos e recentes, como a neuropsicanálise, para além da grupanálise e das psicoterapias de grupo de inspiração analítica.

Deste modo a revista necessita da colaboração de todos nós. Só assim poderemos manter viva e em constante evolução esta técnica terapêutica tão importante que é a grupanálise. Neste sentido, estimulamos os nossos leitores e colegas, a que enviem os seus trabalhos, de modo a que possam ser apreciados e seleccionados para a nossa revista. São bem vindos os trabalhos teóricos, de investigação e de experiência clínica. Trabalhos relacionados com as terapêuticas de grupo de orientação analítica, nomeadamente a grupanálise, e todos os trabalhos que possam trazer novas contribuições científicas e técnicas para a grupanálise.

Os trabalhos serão avaliados por dois *referees*, destacados aleatoriamente de um conjunto alargado de *referees* que colaboram com a nossa revista, que por sua vez não saberão quem são os autores dos trabalhos que estão a apreciar.

Os artigos deverão ser enviados por correio electrónico em documento Word for Windows, a espaço e meio, letra 12, tipo de letra: times new roman. Deverão ser acompanhados por uma breve nota bibliográfica, um resumo preliminar, até cinco palavras chave e uma contagem de palavras. Os artigos deverão ser escritos em inglês ou português e não devem exceder 5000 palavras (incluindo as referências bibliográficas).

Os artigos aceites para publicação não poderão ser publicados noutras revistas, sem autorização prévia da **Grupanálise online.pt** e implicando sempre a referência expressa a tal autorização.

As referências bibliográficas deverão ser feitas do seguinte modo:

Artigos em revistas: Dinis, C (2000) “Desejo e Perda na Contratransferência”. *Revista Portuguesa de Grupanalise*.1: 51-58.

Livros: Foulkes, S.H. (1975) *Group-Analytic Psychotherapy: Method and Principles*. London. Gordon and Breach.

Trabalhos não publicados: Azevedo e Silva, J. (1997) “Criatividade e Grupanálise, Bion, Zimerman e Eu”. IV Encontro Luso-Brasileiro de Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo. Comunicação apresentada no III Congresso Nacional de Grupanálise: Construindo Elos. Lisboa.

As referências que não são citadas serão apagadas, na maioria dos casos.

Os artigos deverão ser enviados para o seguinte endereço electrónico: **ronline@grupanalise.pt**

Caso o artigo seja aceite para publicação, uma versão em inglês deverá ser enviada para a Comissão Redactorial.

Editorial

Passou um ano sobre o aparecimento da Revista On Line da Sociedade Portuguesa de Grupanálise. Pensamos que cumpriu cabalmente o propósito de dar testemunho da nossa identidade e da nossa afirmação, através das tecnologias de comunicação actualmente disponíveis.

Se no mundo em que vivemos, hoje, a distância entre emissor receptor é negligenciável e, sobretudo, estando tal vantagem genericamente acessível, nem por isso a facilidade de comunicação se acompanhou da equivalente fluidez de entendimento que alguns persistem em acreditar poder vir a ser possível.

Emissor e receptor, só por si, não viabilizam a existência de interlocução. Para que tal aconteça é necessário que, mais que afirmação de propósitos, exista a competência, por parte dos intervenientes, de se ter o outro em conta, isto é, a reciprocidade. Se nos lembrarmos que o outro é, para cada um, um imenso plural e ainda que cada indivíduo transporta na sua mente uma constelação relacional movida por forças, umas integrativas e outras disruptivas, aceitar-se-á que o desiderato de intersubjectividades e de trans-subjectividades predominantemente harmónicas define uma meta muito exigente.

Acreditamos que a Grupanálise enquanto método psicoterapêutico é uma via privilegiada para se tentar a aproximação possível daquele tão ambicioso alvo. E acreditamo-lo porque, entre outras razões, propõe que a realização pessoal se cumpra num contexto relacional múltiplo o que conduzirá à revelação de inevitáveis conflitos de interesses. Conflitos esses que, tal como na vida em geral, se deseja que de obstáculos iniciais se transformem em motor do enriquecimento de cada um alcançado na partilha colectiva que só a diversidade propicia. Parece-me claro que para que tal aconteça seja necessário que a individualidade aceda à competência inestimável da alteridade, sem o que a criatura humana ficará desoladamente privada do prazer do encontro e do conforto do sentimento de pertença.

« O indivíduo e o Grupo: Pontes Terapêuticas », foi a propósito, o tema do III Congresso Europeu da E.F.P.P. – Secção de Grupos que se realizou recentemente em Lisboa entre 7 e 10 de Outubro do corrente ano. Os colegas portugueses e estrangeiros que nele participaram reiterada e calorosamente têm afirmado o seu apreço pelo modo como decorreu e o agrado que experimentaram. Penso, por tudo isso, que apesar dos acidentes de percurso que inevitavelmente terão acontecido, o Congresso proporcionou aos colegas da Comissão Organizadora que possibilitaram a sua concretização, uma grande satisfação pessoal e um saudável orgulho colectivo. Daqui lhes exprimo o devido e inequívoco reconhecimento da Sociedade Portuguesa de Grupanálise.

Lisboa, 18 de Outubro de 2004

César Vieira Dinis

Director da Revista Grupanálise Online.pt
Presidente da Sociedade Portuguesa de Grupanálise

Carla Penna

Psicanalista do Círculo Psicanalítico
do Rio de Janeiro

Presidente da Sociedade de
Psicoterapia Analítica de Grupo do
Estado do Rio de Janeiro

Especialista em Psicoterapia Infanto-
-Juvenil pelo Instituto de Psiquiatria da
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Grupos com Adolescentes: da Família ao Social

Resumo

Este trabalho tem como base o atendimento de um grupo de adolescentes de 13 a 17 anos. A partir desta experiência procurarei refletir sobre a questão das mudanças que a adolescência acarreta no círculo de relações familiares, onde o luto pela infância perdida, as mudanças corporais e o processo de diferenciação do jovem, exigem novos padrões de comportamento.

Palavras Chave: adolescência, grupo, identificação, contexto social.

Dentro de um aporte histórico o conceito de adolescência é novo na história, tendo sido forjado a partir da Modernidade e do paradigma do Individualismo Ocidental. Muitos autores definem o século XX como o século da adolescência. O termo adolescência vem do latim *adulescens* ou *adolescens*, particípio passado do verbo *adolescere*, que significa crescer. Já o termo puberdade é bem mais antigo e vem do latim *pubertas*, derivado de púbis, pêlo. Segundo Ariès (1983) durante muito tempo não houve distinção entre crianças ou adultos na sociedade e somente a partir do nascimento do sentimento de família, característico do séc XIX, onde o privado ganhou novos contornos diante do público, e as influências do romantismo e da instauração do conceito de individualismo, pode surgir a figura do jovem adolescente. Inicialmente distinguindo-se por diferentes vestimentas, como chapéus específicos ou saias sem calções, curiosamente já agrupados em escolas, classes, grupos de escoteiros ou religiosos.

Para Coutinho(2002) “a adolescência é um conceito que aponta para um limite ,uma fronteira, uma margem, que surge para designar o momento de transição entre a criança e o adulto, passagem do privado para o público, numa negociação entre o individual e o pessoal (...)Trata-se de uma crise identificatória, marcada pela passagem dos ideais da infância, encarnados nos pais para os ideais presentes na cultura, gerando uma pluralidade de novas idealizações e novas identificações(...) o adolescente é um ” *individuo errante*”, em pleno trabalho de apropriação e elaboração do laço social, entre o desamparo e a busca permanente de pontos de ancoragem, expressando portanto o drama do sujeito contemporâneo.”

Diversos autores procuram explicar e relacionar as mudanças sócio-culturais ocorridas no último século na tentativa de compreensão do momento atual. O declínio do patriarcado, a cultura de consumo, as mudanças na moral e na ética, a globalização e os avanços da ciência, ocasionaram um enfraquecimento das instituições e uma transformação no mundo das referências simbólicas e nos papéis sociais. Imersos nessa nova realidade, vive a família atual. Por um lado temos os avós, figuras de base importantíssimas para as famílias, educados e fortemente influenciados pelas velhas tradições onde foram criados. Os pais num momento intermediário, criados dentro das novidades da contracultura dos anos 60/70, não compartilham mais dos velhos cânones da sociedade, mas vivem estupefatos com a rapidez das mudanças, o ônus do trabalho e a desagregação do casamento e das instituições. Dentro deste caldo geracional emergem as crianças, cada vez mais erotizadas e menos infantis, e os adolescentes. Por serem estes, em sua própria definição, seres em transformação, na interface da família e do social, são aqueles que mais absorvem os impactos das transformações, sofrendo e atuando as contradições que o mundo atual apresenta, especialmente no que diz respeito aos frágeis modelos identificatórios e aos ideais.

Não seria caso para saudosismos ou revanchismos, mas é necessário refletirmos sobre a realidade atual e as possibilidades de inserção social para os jovens. Luciana Gageiro Coutinho em sua brilhante tese de doutorado: “Ilusão e Errância: Adolescência e Laço Social Contemporâneo na Interface entre a Psicanálise e As Ciências Sociais” (2002), nos brinda com uma interessante reflexão sobre o individualismo e a evolução do conceito até chegar a adolescência inserida num panorama romântico, que nortearia até bem pouco tempo atrás a forma como encaramos o sujeito e o adolescer em especial. Recorda-nos que Freud ao elaborar suas idéias sobre o social, ancoradas no modelo da neurose, na interdição e na culpa, pressupunha um lugar do pai e do ideal como instância terceira na sustentação do laço social. Para a autora predominava ainda um modelo de indivíduo, baseado no *individualismo de uniqueness* de Simmel, ou romântico. Os autores que cita falam de um novo tipo de individualismo, o *individualismo libertário* de Salem, fruto das mudanças sócio culturais ocorridas nos anos 60/70, influenciados pela contracultura e a antipsiquiatria. Não trataríamos mais de um indivíduo culpado, inserido numa sociedade repressora: novas formas de casamento, uma sociedade mais permissiva, a liberação sexual, a cultura do consumo e da comunicação de massa

e novas formas de contestação e inserção política, conduziram para uma “*cultura narcísica*”, centrada unicamente no indivíduo e em seu projeto de vida. O tema foi muito bem explorado por Lasch que cita que “A cultura do narcisismo surge através do enfraquecimento do sentido de tempo histórico e pelo colapso das autoridades e das tradições, que promovem o vazio interior como experiência subjetiva paradigmática... A criação do eu passa a ser a mais alta forma de criatividade.” No Brasil estas idéias foram desenvolvidas por Jurandir Freire Costa. Atualmente estes autores vem estudando as transformações da “*cultura narcísica*”, baseada no “mínimo eu”, para uma “*cultura das sensações*”, composta por personalidades somáticas, com extrusão do mental, baseadas num “mínimo corpo”.

É interessante observar que os avanços da estética e da medicina, ancorados unicamente na imagem corporal e no prazer obtido pelo corpo, numa dor e num gozo contínuo, prometem aos indivíduos juventude eterna postergando a velhice e a morte, como se esta pudesse ser abolida. Como Ariès (1975) nos fala: “A morte converteu-se num tabu e substituiu no século XX o sexo como principal interdito”.

Dentro deste espírito de juventude retornamos a adolescência e ao século XXI. Num momento em que tudo é transitório e consumível e nada envelhece a adolescência eterna passa a ser o bem almejado. As crianças são pré-adolescentes, os adolescentes avançam pela maturidade e os idosos sustentam suas famílias adolescentes e ainda por cima são esportistas, batendo recordes e saindo em bandos. Vemos que, como nos fala Calligaris (2000) “A sociedade atual idealiza a adolescência e faz dela objeto de identificação para diversas faixas etárias”. O indivíduo hoje estaria sempre de passagem, à deriva, buscando liberdade e prazer, sem vínculos ou ancoragens em busca de novos e novos modelos de identificação, que acredito serem muito mais idealizações do que propriamente identificações. Mello Filho (2003) entretanto, ressalta o aspecto positivo do fato ao afirmar que a atividade adolescente presente no adulto permanece como uma defesa contra a adaptação completa à vida adulta, dando origem ao “adulto adolescente”, talvez mais verdadeiro, descompromissado e não submisso ao meio.

Inseridos dentro do panorama acima citado, voltemo-nos para o terapeuta de grupo e o grupo de adolescentes. Atualmente, no Brasil, grupos em consultório são de difícil manutenção. A cultura narcísica parece pressupor atendimentos individuais. Poucos pacientes adultos toleram a idéia de um tratamento em grupo. Entretanto para adolescentes jovens, essa parece ser a modalidade de tratamento ideal, exceto para casos mais específicos. A transferência desafiadora ou negativa, a maior resistência, a rigidez, a mobilização de ansiedades persecutórias, as dificuldades técnicas de manejo, aliadas ao natural caráter gregário do adolescente, levam-nos naturalmente ao grupo. O adolescente parece sempre ansiar por estar em grupo, devido ainda ao processo de desligamento da família, ao luto pela perda dos ideais da infância, a desidealização das figuras parentais e a necessidade de inserção no mundo social.

De alguma forma a indicação de Joana, Jane, Anita, Carmem, José e Antônio, me pareceu inequívoca para grupo. São adolescentes entre 13 e 16 anos, com problemas de relacionamento com os pais, alguns advindos de lares desfeitos, timidez, sentimento de inadequação, baixa auto-estima e rebeldia.

A formação e a condução do grupo, nesses dois anos, nunca me pareceu de difícil manejo, estavam lá a transferência, as transferências cruzadas, o espelhamento, a resistência, os pressupostos de Bion, a matriz e os papéis de Foulkes; aliados a bagunça na sala, falatório, paredes riscadas, disputas pelos melhores assentos e muita água, doces e biscoitos.

O sofrimento advém de uma necessidade premente, recheada de rebeldia e atitudes desafiadoras, de encontrarem um novo e valorizado lugar para si mesmos. Os temas mais freqüentes giram em torno do relacionamento com os pais, seja porque estes são extremamente rígidos, não oferecendo espaço para o florescimento de suas subjetividades, seja por que, de forma acintosa e negligente, esquivam-se de suas funções básicas como pais, remetendo os adolescentes a uma dor e a um vazio imenso. Para outros o grupo tornou-se aporte identificatório e espaço para poderem estar com outros jovens. São adolescentes que ainda não encontraram no meio social, um grupo ou um espaço para desenvolverem-se.

Chamou-me a atenção a deficiência das escolas como ambiente propiciador para tal processo, bem com a insuficiência dos professores e coordenadores na função de mestres ou figuras identificatórias, fundamentais para a transição do jovem da família ao social. A competição, a crueldade e a agressividade no meio escolar favorece a criação de dois grupos: o dos “excluídos” e os “populares”, ambos com alto grau de coesão e de rejeição ao diferente. Cabe ressaltar que meus pacientes não se inseriam em nenhum dos grupos.

O relacionamento com a terapeuta sempre oscilou entre a minha elevação à categoria de Messias com descreve Bion (1970), no pressuposto básico de dependência ou a minha exclusão, como diferente, num movimento clássico de luta e fuga quanto à tarefa e quanto a minha participação. Os participantes chegaram a elaborar um dicionário

fictício para que eu pudesse compreender seu vocabulário específico. Minha atuação oscilava entre uma mãe boa, acolhedora que ri, conversa, suporta a dor e a bagunça e uma outra que é “jurássica”, reacionária, “conservada em formol”, “morta-viva”, devido à idade avançada e o estado de conservação física, capaz /incapaz de compreendê-los em seus anseios, muito parecida com suas mães mandando-os estudar e serem mais educados. Os acasalamentos no grupo são menos nítidos, mas as ausências são duramente cobradas e os abandonos do grupo tem luto demorado. As sessões custam a iniciar-se, necessitando de um aquecimento e como, já era de se esperar, terminam sob protestos, já que “sou muito rígida com os horários”.

Kusnetzoff (1984) nos fala especialmente sobre o terapeuta de adolescentes, que como qualquer analista precisa ousar. Enfatiza que resistência e oposição são características desta fase, e que é importante permitir ao adolescente ser rebelde, não encontrando um analista superegóico ou preso aos cânones analíticos. Klein (1997) nos fala da necessidade que o adolescente tem de ação e de expressão de suas fantasias e que o analista deve ser cuidadoso em regular a quantidade de ansiedade liberada, visto que esta provém de níveis mais profundos, utilizando uma técnica extremamente elástica e remetendo a ansiedade de volta às suas fontes, via transferência. No restante a técnica se aproxima à do adulto e o emprego de associações verbais, através da linguagem capacitam o jovem a estabelecer uma relação mais completa com a realidade. Cabe observar que talvez devido à informalidade e mesmo a postura do analista de adolescentes, ancorada ainda nas novas formas de vinculação objetal, este não ocupa mais, de uma forma tão evidente um lugar distante e idealizado. Na Psicoterapia Analítica de Grupo este papel fica diluído entre todos os participantes, na medida em que as transferências cruzadas mais do que a transferência somente com o analista adquire relevância. Se observarmos a sugestão de Klein o trabalho em grupo facilita a análise de adolescentes.

Qual seria então a importância da Psicoterapia Analítica de Grupo com adolescentes?

Logo de início pensamos na reconstrução narcísica e na reedição do Édipo, que ocorre na adolescência onde o jovem vive uma crise identificatória. Nesse processo vê-se obrigado a modificar suas relações de objeto, saindo do eu ideal para o ideal de eu. Para tal precisa rever sua relação com a interdição, passar por uma fase de luto pela perda dos ideais infantis, que não mais lhe servem e encontrar seu lugar no mundo. No caminho necessita fazer uso de idealizações variadas até alcançar identificações que estariam na base da origem dos ideais. Para tal a sublimação e a dessexualização dos investimentos nos objetos idealizados deve ser realizada. Entretanto na sociedade atual a transgressão parece ter virado norma, o pai não ocupa mais um lugar ideal e os ideais sociais desapareceram, o modo de constituição do sujeito parece vir de uma forma bastante individualizada e única, as idealizações se sucedem, como se fossem para consumo, não dando lugar a identificações duradouras ou aos ideais.

“A cultura hoje se sustenta no registro do eu ideal que não leva em conta a castração, não admite renúncias, busca satisfação imediata, não pressupõe a mediação de um terceiro, nem admite concessões. A referência ideal principal não está na alteridade, mas no próprio eu que não busca mais um ideal inatingível”. Coutinho (2002)

Como então o adolescente de hoje pode se constituir? Acredito que a preocupação com o corpo e suas insígnias, que observamos hoje na cultura, denota que o sujeito moderno, na falta de laços sociais que o sustentem, busca tanto a auto nomeação como a interdição, o limite, a lei, pela via corporal, peça de resistência de seu único eu. Temos como exemplo as tatuagens e piercings ou os distúrbios alimentares, as adições e as infinitas cirurgias estéticas. Para Douville citado por Coutinho (2002) o adolescente hoje tenta resolver a questão da própria filiação através de uma inscrição corporal, marcando seu “lugar no simbólico através da inscrição real no corpo”.

Recordando Freud em Totem e Tabu (1913) a experiência de grupo, de fratria, é fundamental para essa passagem do individual ao social. Assim como os irmãos da horda primeva identificam-se, sendo colocados mais como objetos de amor, do que concorrentes, uma horizontalidade se delinea. A convivência grupal, a tolerância com a diferença, as identificações no grupo, podem funcionar como um ponto de ancoragem, uma mediação entre o individual e o coletivo, um lugar onde compartilham experiências e novas formas de relacionamento com o social. Em Psicologia das Massas e Análise do Ego (1921) Freud coloca o ideal eu no lugar do pai temido de Totem e Tabu, afirmando a força de Eros, que reuniria os indivíduos através do amor e dos laços libidinais entre eles. Brinda-nos ainda com as identificações que reforçariam a horizontalidade fraterna entre os indivíduos.” A entrada de Antônio no grupo é recente, mas sua participação ilustra meu relato. Filho único de pais que pouco conviveram, de família intelectualizada, foi encaminhado pela dificuldade de fazer amigos. Parecia muito tímido e retraído, não encontrando em seu

meio social possibilidades identificatórias, vivendo isolado, tendo apenas como forte interesse uma atividade esportiva, que como Klein (1997) afirma oferece a oportunidade de rivalizar com os outros/Pai, superando ansiedades e sentimentos de culpa. Assim que entrou no grupo transformou-se, passou a mostrar-se maduro, opinante, interativo, alegre, tudo o que não revelou nas entrevistas ou no tratamento anterior. Vem obtendo grandes progressos. Sua participação no grupo poderia ser pensada como uma chance de, de uma forma cuidada e protegida pelo “setting grupal”, renomear-se e singularizar-se, distanciando-se das imagens paternas e desviando suas tendências agressivas para outros objetos.

O adolescente no grupo tem a oportunidade de encenar seus conflitos, especialmente o interdito do Édipo, em processo de elaboração, construir uma nova teia de referências simbólicas, identificações, que lhe dê suporte para amenizar o desamparo original e inseri-lo como ser na cultura. Mas então em que se distinguiria um grupo analítico com adolescentes de um outro agrupamento que fornecesse aporte, identificações e espaço social?

Com certeza o grupo analítico é referência para tratamento de adolescentes e a socialização que oferece fundamental, mas acredito que na faixa etária que exemplifico neste trabalho funciona como auxiliar na transformação familiar que acontece quando uma criança entra na adolescência. Um aspecto muito relevante, que motivou este artigo, foi a necessidade de realização de um trabalho paralelo com os pais dos adolescentes. Curiosamente, como que em cadeia, recebia telefonemas irados dos pais com ataques ao tratamento de seus filhos em grupo. “Não mudou nada. Está pior do que antes, me desafia, rebela-se etc...” Winnicott (1969) nos fala que crescer significa ocupar o lugar do genitor. Na fantasia inconsciente, crescer é, inerentemente, um ato agressivo. “E portanto parricida acrescenta Mello Filho (2003). Os pacientes riam de seus pais e eu impactava-me com a virulência dos ataques. Ocorreu-me que um pai ou uma mãe de um jovem adolescente é obrigado a confrontar-se com uma questão de seu próprio narcisismo, fazendo também uma série de lutos e renomeando-se no meio cultural. Não são mais pais de crianças, o luto de sua própria adolescência, em muitos presente até o momento, é acionado. De figuras parentais idealizadas são questionados e desvalorizados de uma hora para a outra. Ora, uma ferida narcísica se instala e reagem como podem. Em muitos pais é evidente a necessidade de manter a qualquer custo seus filhos crianças. Desligarem-se de seus “bebês” e cuidarem de suas próprias vidas, remete-os muitas vezes a um vazio de projetos ou uma resistência ao envelhecimento natural. Para outros a ameaça de um ser com um corpo semelhante ao seu leva a uma rivalidade e a uma tentativa de impedimento do filho em assumir a posição de homem/mulher, o que acarretará complexas dificuldades identitárias. Seus ataques ao grupo eram lesivos e dois componentes acabaram saindo por actings com suas mães. Alguns provocavam e desafiavam os pais, até o limite e como punição eram retirados do grupo. Era sua forma de desafiar a lei, resistir e atuar não no grupo, mas fora dele, através de suas mães.

Além de uma intervenção na dinâmica familiar, o tratamento em grupo favorece os seus componentes, por reproduzir tanto o ambiente familiar, quanto o social, o desenvolvimento do sentido de realidade, tal como foi postulado por Ferenczi em (1913). O pensamento do adolescente é mágico, intelectualizado, onipotente. O adolescente guarda em si o sentimento de onipotência da criança e do primitivo da horda totêmica. A inibição o adiamento e a elaboração do pensamento em muitos ainda não se interpôs entre o desejo e a ação. Ferenczi acreditava que o essencial para o desenvolvimento do ego era a substituição, imposta pela experiência, da megalomania infantil pelo reconhecimento do poder das forças da natureza (...) O desenvolvimento do sentido de realidade apresentar-se-ia como uma série de sucessivos impulsos de recalamento, aos quais o ser humano é forçado pela necessidade, pela frustração que exige adaptação e não por tendências a evolução espontâneas.” O ser humano, em especial a criança e o neurótico, buscariam sempre um retorno a um estágio outrora vivido, que seria o da *onipotência incondicional*. Muitos permanecem fixados nesse sentimento de onipotência da infância que os impede de suportar qualquer frustração e reconhecer que os desejos e os pensamentos estão condicionados a realidade, principalmente no momento social em que vivemos onde a falta de ideais ou garantias, mesmo que ilusórias, remetem-os sempre a eles mesmos. Ora a troca grupal, permite que através da palavra, possam dividir frustrações e elaborá-las, dentro de um contexto mais calcado na realidade, com mais maturidade e menos idealizações. Jane, uma de minhas pacientes do grupo, tem 13 anos e vive sua primeira paixão platônica. É a mais infantil e visionária participante. É filha de um casal adolescente, seus pais a conceberam aos 16 anos. Foi criada pela avó, seus recursos financeiros são reduzidos e suas perspectivas de vida limitadas, devido à baixa auto-estima e ao meio pouco estimulante. O grupo diverte-se muito com Jane e propicia um espaço identificatório único, além de estimulá-la e de literalmente trazê-la de seu mundo mágico e onipotente para a realidade.

Recordando Winnicott (1975) e seus objetos transicionais, mais especialmente no trabalho “O Uso do Objeto e relacionamento através de Identificações” podemos pensar a questão da transitoriedade, do momento de passagem

vivido pelo adolescente também por esta vertente. Do relacionamento ao uso do objeto existe um período de amadurecimento, de desenvolvimento de uma capacidade de mudança para o princípio de realidade, que necessita de um ambiente propício e de uma possibilidade para o sujeito de lidar com um objeto real, situado na realidade externa, fora de seu controle onipotente. Inspirando-me em Mello Filho em seus trabalhos sobre Winnicott aplicado aos Grupos (1986), os adolescentes podem usar o espaço grupal, mais do que o próprio analista, como espaço transicional que os leve de um relacionamento com os objetos a um uso dos mesmos, cortando o mecanismo sempre repetitivo das idealizações, em busca de identificações, de uma realidade compartilhada com os pares e de uma relação mais criativa com o ambiente.

Por fim gostaria de recordar Bion (1970) que “Em Experiência com Grupos” nos remete ao paradoxo do ser humano, que é vivido de forma intensa e aumentada pelo adolescente e que engloba toda a questão da inserção do ser humano no social, especialmente na contemporaneidade. “O grupo é essencial para a vida do homem, ele é capaz de suprir o indivíduo com a satisfação de um certo número de necessidades de sua vida mental, que só podem ser fornecidas pelo grupo. Da mesma forma que propicia um meio de expressar suas contribuições é também o maior obstáculo, à consecução de seus objetivos”. O indivíduo no grupo está sempre em luta, uma parte de si deseja ardentemente fazer parte da mentalidade grupal, mas também sempre busca manter-se diferente, preservando sua individualidade. A cultura do grupo tem a marca do conflito entre os desejos do indivíduo e a mentalidade do grupo. A questão do adolescente em processo de individuação e inserção social não traria a mesma marca paradoxal?

Bibliografia

- Ariès, P (1975) *Sobre a História da Morte no Ocidente: desde a Idade Média*. Ed. Teorema Lisboa, Portugal .
- Ariès, P & Duby (1983) G *História da Vida Privada – Da Revolução Francesa à Primeira Guerra* V.3 Companhia das Letras, São Paulo.
- Bion, W. (1970) *Experiência com grupos*. Imago, Rio de Janeiro.
- Caligaris (2000) “A Adolescência”. Jornal “A Folha de São Paulo”, Publifolha..
- Courtinho G.L. (2002) *Ilusão e Errância: Adolescência e Laço Social Contemporâneo na Interface Entre a Psicanálise e as Ciências Sociais*, Tese de Doutorado, Departamento de Psicologia PUC, Rio de Janeiro .
- Ferenczi S. (1982) *O Desenvolvimento do Sentido de Realidade* em Obras Completas, volume II, Martins Fontes, São Paulo.
- Freud, S. (1913) *Totem e Tabu*. ESB, volume XIII, Rio de Janeiro, Imago Ed. 1974.
- Freud, S. (1914) *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*. ESB, volume XIV, Rio de Janeiro, Imago Ed. 1974.
- Freud, S. (1921) *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*. ESB, volume XIII, Rio de Janeiro, Imago Ed. 1974.
- Groisman & Kusnetzoff (1984) *O clima Dramático e a Interpretação na Psicoterapia de Grupo com Adolescentes* em Adolescência e Saúde Mental, Artes Médicas, Porto Alegre.
- Klein, M (1977) *A Técnica da Análise na Puberdade* em *A Psicanálise de Crianças*, Obras Completas de Melanie Klein, volume II Imago Ed, Rio de Janeiro.
- Mello Filho J. (1986) *Contribuições da Escola de Winnicott à Psicoterapia de Grupo* em *Grupoterapia Hoje*. Luiz Carlos Osório et & Artes Médicas, Porto Alegre.
- Mello Filho, J. (2003) *Adolescência e Falso-self* em *Vivendo num País de Falsos-Selves*, Casa do Psicólogo, Rio de Janeiro.
- Winnicott, D.W. (1971) *O Uso de um Objeto e o Relacionamento Através de Identificação* em *O Brincar e a Realidade*, Imago, Rio de Janeiro.

Paulo Motta Marques

Psicólogo

Grupanalista

Tempo e Identidade em Grupanálise

Resumo

A partir de uma ficção de uma vivência escolar, abordam-se os processos de identificação e construção da identidade. Sustenta-se que numa análise, quer na procura desta como no seu processo, a problemática da identidade está sempre presente como aspecto fundamental. A identidade ou o sentimento de Si e a noção de tempo estão interligados, devem ser compreendidos de forma integrada.

Na grupanálise cada analisando exprime distintos níveis ou patamares de identidade, a grupanálise pelas suas características é aqui um espaço privilegiado.

As intervenções e interpretações identitárias visam a elaboração progressiva dos diferentes níveis de expansão da identidade com o objectivo de uma progressiva consolidação desta.

Palavras chave: Identificação; Identidade; Tempo; Interpretação Identitária

Os risos e os gritos de excitação soavam pela escola. Lá fora, no jardim da areia, as crianças brincavam ora sozinhas ou com um amigo, ou então em grupo. Houve um autor que disse: nada mais sério que uma criança a brincar. João, de 4 anos, mostrava ao António de 4 anos e meio, como sabia fazer cambalhotas na areia, quase não pondo as mãos, como as treinara na praia e as sabia fazer na escola, seguramente que ninguém as sabia fazer como ele, e dizia ao António, “vê se também consegues fazer como eu”. António observava mas não arriscou, preferiu subir para cima de um pneu, estrategicamente colocado na areia e saltar com destreza, identificando-se com um super-herói dos seus sonhos e exprimindo o Eu-Ideal. Maria, de 5 anos, penteava, tal e qual a sua mãe fazia consigo, outra colega de longos cabelos deitados pelos ombros. Um pouco além, dois meninos lutam, duas meninas vieram, curiosamente vestidas de igual, outro menino trouxe uma camisola alusiva a uma equipa de futebol, enfim no jardim da areia e na luz da tarde primaverais as crianças crescem, jogando diferentes papéis e experimentando novas sensações.

(vinte anos depois em grupanálise)

João, licenciado em educação física, fala das suas dificuldades em saber realmente quem é e o que quer da vida... parece agora disposto com a ajuda do grupo e do grupanalista a encontrar-se consigo próprio, analisando defesas do registo narcísico em direcção à construção, “a la longue” de um verdadeiro self.

António, paraquedista, diz que também por vezes sente o mesmo e aliás desde que começou a terapia que pensa mais e até se lembra mais dos sonhos, sonhou no ouro dia que voava e sentiu-se mais confiante, como se estivesse finalmente liberto e autónomo (exprimindo aqui cambiantes de identificação secundária).

Maria, cabeleireira, em comunicação associativa, lembra-se quando a sua mãe, em pequena, a vestia como uma quase boneca, não lhe desagrada a lembrança, contudo como é que ela se sente realmente como mulher? (exprimindo facetas da identidade terciária).

O jardim da areia na escola, assim como o setting grupanalítico, são, em tempo e espaço diferentes, o mesmo local de encontro, desencontro, descoberta, um porto seguro mas que estimula o crescimento e a construção da identidade.

Conforme refere Stephen Hawking (1988), no seu livro “Breve História do Tempo”, as ideias sobre a natureza do tempo têm-se modificado ao longo dos anos. O tempo passou a ser uma dimensão da física importante, sobretudo quando se tentou unificar a gravidade com a mecânica quântica.

O Tempo adquiriu progressivamente foros de relatividade e juntamente com a noção de espaço, passa a ser uma das formas mais importantes da compreensão da organização do universo (ao nível micro e macro).

Conforme refere Hawking (1988), existem pelo menos três setas diferentes do tempo. Primeiro há a seta termodinâmica, o sentido do tempo em que a desordem ou entropia aumenta. Existe também a seta psicológica, ou

seja, o sentido em que sentimos que o tempo passa, em que nos lembramos do passado mas não do futuro e por último a seta cosmológica, que é o sentido do tempo em que o universo está a expandir-se em vez de contrair-se.

Vemos assim como o tempo se aborda numa perspectiva integrada na qual faz parte a vertente psicológica. Com efeito é o próprio tempo organizador do aparelho psicológico, tudo existe e se passa no tempo e num tempo.

A percepção do tempo na dimensão do passado, presente e futuro, tempo de regressão, tempo de perlaboração, tempo da sessão analítica, tempo da contra-transferência, tempo de interpretação e de construção, são componentes constantes da dinâmica analítica e grupanalítica.

Segundo Grinberg (1976), quando se procura uma análise pode-se partir do pressuposto que os pacientes têm a sua identidade de algum modo afectada, isto como resultado de conflitos intrapsíquicos, e existe uma necessidade de consolidar o seu sentimento de identidade.

A identidade ou o sentimento de si e a noção de tempo são concomitantes, aquilo que o sujeito é resultou de acontecimentos, de cadeias de ocorrências e do modo como este construiu a sua realidade.

Quando penso em mim, esta ideia e sentimento, é parcialmente consciente mas o seu núcleo consolida-se no inconsciente e é indissociado da dimensão tempo. O sujeito no início era ID, posteriormente, forma-se o Ego e o Super-Ego.

Conforme referem León Grinberg e Rebeca Grinberg (1976) a identidade resulta de um processo de interacção continua de três vínculos de integração: o vínculo espacial, o vínculo temporal e o vínculo grupal ou social. O primeiro trata da relação espacial entre as diferentes partes do Self entre si, o segundo é responsável por uma continuidade entre as várias representações do Self ao longo do tempo e o terceiro interliga aspectos do self e aspectos dos objectos, através dos mecanismos de identificação projectiva e introjectiva. Com o evoluir do processo analítico, assim como no genético-evolutivo, estes três vínculos vão-se consolidando e estruturando, organizando o sentimento de si (ou numa outra designação, de identidade do Self).

Aliás quanto a estes aspectos conceptuais, parece-me também interessante a conceptualização de Grinberg na diferenciação entre Eu; Não Eu; Self; Não Self e Fantasia inconsciente do Self no Eu.

Nesta minha comunicação, julgo importante delimitar o que se entende, nomeadamente, por Self. Este integra o Eu e o Não Eu, inclui também a componente da percepção corporal em todas as suas vicissitudes e a noção do sujeito oposto ao mundo dos objectos.

O Self é pois a pessoa total. A identidade emerge da dinâmica do Self e a sua base aloja-se na representação do Self no Eu.

Se quisermos recorrer à contribuição das neurociências para uma compreensão, por um vértice diferente, das bases da identidade, lembremos que António Damásio (1999) fala da existência de um Si Autobiográfico, na essência inconsciente e que contém a multiplicidade de memórias que são o substracto da personalidade e sentimento de identidade. Este Si Autobiográfico requer a presença do Si nuclear (aspecto consciente, e em articulação com o proto – Si do qual não temos consciência) e também requer o mecanismo da consciência nuclear de modo a que a activação das suas memórias possa gerar a consciência nuclear.

O Si Autobiográfico vai-se constituindo e temporizando ao longo da vida e pode ser modificado por experiências que vão ocorrendo. Conforme refere Damásio o mundo do inconsciente psicanalítico tem as suas raízes nos sistemas neurais que apoiam a memória autobiográfica.

A identidade constrói-se ao longo do tempo numa articulação constante entre o meio, o psicológico e o biológico. Já neste sentido vão as conceptualizações de Piaget no que respeita ao desenvolvimento cognitivo (preconizando quatro estádios fundamentais), a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson (referindo-se às oito idades do Homem) e mesmo do desenvolvimento moral de Kohlberg (na teoria dos seis estádios nas suas valências de pré-convencional, convencional e pós-convencional).

Na grupanalise os membros do grupo “vivem” tempos diferentes como resultado da teia complexa dos diferentes tempos em interacção, já referidos anteriormente e inerentes ao processo analítico.

O movimento regressivo, diferente para cada um, repercute-se na matriz grupanalítica e na análise individual através do grupo.

Na matriz grupal cada analisando exprime distintos níveis ou patamares de identidade, basicamente a identificação/identidade primária (onde a confusão entre o Eu e o Não Eu, ou numa outra acepção, entre o Self e o Não Self, está próximo de indiferenciação). Neste registo é de relevar o mecanismo da identificação projectiva descrito por Melanie Klein onde não se verifica uma diferenciação nítida entre o sujeito e o objecto. Conforme refere Coimbra de Matos (2001), trata-se de um fenómeno de extensão da identidade que o analista necessita de interpretar para que

se verifique a restauração do Self, além da identificação primária, a identificação/identidade secundária (aqui o que está em causa é o acesso à identidade como ser completo. Este nível é corolário do vínculo de integração espacial já referido anteriormente) e a identificação/identidade terciária (o que está em causa é o acesso à identidade sexual).

Ulteriormente ao processo de formação e consolidação da identidade sexual, o sujeito volta-se predominantemente para o social, procurando integrar-se, ser aceite e sentir-se competente entre os seus pares quer por uma atitude sintónica quer mesmo por atitudes e comportamentos contrários ou de oposição, típicos, por exemplo, da adolescência mas no sentido da estruturação da sua identidade (vai neste âmbito a psicanálise clássica mas também, por exemplo, Erikson, já citado anteriormente).

Esta fase evolutiva designarei por identificação/identidade sócio-especular pelas razões apontadas.

No percurso evolutivo julgo poder enfatizar a importância da definição e consolidação dos valores pessoais (aqui numa articulação entre o cognitivo e o afectivo-emocional), de algum modo consonante com o topo da pirâmide de Maslow (auto-actualização), com a idade da Generatividade versus Estagnação de Erickson, da fase pós-convencional de Kohlberg e do estágio formal de Piaget. A este nível de elaboração e diferenciação designarei por identificação/identidade valorativa.

A análise bem sucedida poderá conduzir o analisando a seguir este percurso e a atingir este nível de expressão.

Os diferentes níveis de identidade emergem no decorrer das sessões grupanalíticas, através do pulsar da matriz do grupo, podendo estar presentes nos vários níveis de comunicação (experiência e interpretação, referindo-me agora à conceptualização de Cortesão).

Quer os membros de grupo quer o grupanalista, podem intervir no sentido (dar sentido) de permitir a tomada de consciência do nível de identidade que aparece no “aqui e agora” e diria mesmo aludindo a Foulkes, na dinâmica do “Ego Training in Action”.

Quando a intervenção toma a forma de uma interpretação, isto permite delinear e configurar este patamar de identidade e “preparar o terreno” para a elaboração progressiva dos ulteriores níveis de identificação.

As intervenções podem passar por alertar para certos momentos da dinâmica de grupo ou até mesmo aspectos da sua contratransferência.

As intervenções e as interpretações que designo aqui, em ambos os casos, por identitárias, devem ter lugar num espaço e num tempo próprio, onde o passado se torna presente com toda a cambiante de afectos e representações.

A interpretação na transferência surge como a técnica mais eficaz para a elaboração identitária.

Por exemplo a certa altura o grupanalista Rogério refere que sente que o seu cérebro é como se estivesse separado em dois (o que na realidade não deixa em parte de ser verdade...), a parte direita, às vezes, parece completamente distinta da parte esquerda, como se o cérebro lhe surgisse com uma simetria sempre presente. Não existe uma integração numa imagem corporal una.

Parece até, acrescenta Rogério, que o hemisfério direito por vezes, não lhe pertence ou pertence a outro (de referir que o grupanalista se encontra sentado à direita de Rogério). O grupanalista interpreta então (entre, obviamente, outras opções de intervenção ou de não intervenção) que Rogério se sente dividido e, na sua fantasia, não separado ou diferenciado da figura do analista. Trata-se de uma interpretação identitária na transferência, num espaço e num tempo que poderá permitir ao analisando elaborar aspectos/facetas da identidade primária e secundária.

A grupanalise é um espaço privilegiado para a detecção dos níveis de identificação/identidade e sua perlaboração.

A perlaboração ou “working through” (ou Durcharbeit) é um dos componentes do processo psicanalítico e grupanalítico, é um instrumento da própria técnica do analista e com características específicas quanto à sua natureza e função. A perlaboração tem características de constância e tempo. É necessário tempo para a elaboração, sobretudo no contexto de transferência e da contratransferência.

Conforme refere Cortesão (1989) e aludindo a Rycroft “o estabelecimento de conexões harmónicas e significativas entre funções psíquicas dissociadas e a formação de insight, é como que a cúpula do edifício, sendo de Durcharbeit que derivam os alicerces e os pilares”.

Foulkes denominou “reação de espelho” à gama múltipla de projecções que ocorrem no grupo. Os membros do grupo projectam uns nos outros os seus objectos e conflitos, inconscientes, recriando no aqui e agora as relações que tiveram com os mesmos no passado.

Cada elemento do grupo pode ver-se reflectido no outro mas, reciprocamente, também serve de espelho ao outro (pode também aqui desenvolver-se de forma genuína o sentimento de empatia), sendo esta uma das dinâmicas mais ricas do grupo terapêutico e da grupanalise.

Após a tomada de consciência, através da interpretação e no seio da função continente, caminha-se na consolidação progressiva do sentimento de identidade. Também Lacan aludindo à “fase do espelho” entende que a função do espelho permite a integração da imagem corporal rumo ao ser com uma unidade global e diferenciada.

Beatriz quase no final da sua longa análise, refere agora algo comovida, que se sente preenchida por um bem estar (que pode ser aqui um bem ser) bem diferente da inquietação angustiante de outrora. Nos seus olhos de água, reflecte-se um equilíbrio estético, entre a realidade interna e externa mas também a percepção de ter adquirido um conjunto de valores consistentes e ego-sintónicos que lhe proporcionam um sentido da existência pelo qual vale a pena lutar e criar (identificação valorativa, também com similaridades com o vínculo de integração social).

Certa vez um aluno meu disse a propósito do papel do analista: “mas então o analista é um guardador de sonhos!”.

O grupanalista contém, sustém e guarda as fantasias e as idealizações dos seus analisandos, devolvendo-lhes sob a forma de interpretações identitárias que possibilitem a aquisição de um sentimento de identidade consistente e progressivamente mais elaborado.

Uma identidade bem conseguida é uma expressão da saúde mental.

Bibliografia

- Cortês, E. L. (1989) *Grupanalise – Teoria e Técnica*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Damásio, A. (1994) *O Erro de Descartes*, Lisboa, Publicações Europa-América.
- Damásio, A. (1999) *O Sentimento de Si*, Lisboa, Publicações Europa-América, 2000.
- Foulkes, S. H. (1964) *Grupo-Análise Terapêutica*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1983.
- Grinberg, L.; Grinberg, R. (1976) *Identidade e Mudança*, Lisboa, Climepsi Editores, 1998.
- Grinberg, L. (1976) *Teoria da Identificação*, 2001.
- Hawking, S. W. (1988) *Breve História do Tempo*, Lisboa, Gradiva, 1995.
- Matos, A. C. (2002) *Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica*, Lisboa, Climepsi Editores.
- Matos, A. C. (2001) *A Depressão*, Lisboa, Climepsi Editores.
- Roudinesco, E.; Plon, M. (1997) *Dicionário de Psicanálise*, Lisboa, Editorial Inquérito, 2000.

O Prometeu do Ser às Portas de Ágora

Resumo

Partindo dos estudos de observação de fetos, evidenciam-se as primeiras formas de relação e a importância do vínculo inicial para a construção da personalidade, remetendo para a existência conceptual do filho no desejo parental. Salienta-se a importância do terceiro elemento como fundamento estruturante da individualidade, particularizando a situação Grupanalítica como possibilidade de reconstrução do Ser.

O Ser que nasce do fogo pulsional, da tendência inerente ao que desperta, o instinto que trabalha em silêncio e que conduz a criatura à vida (Freud, 1922), é promessa de esperança parental antecipada.

Prometeu - *o que pensa antes* - Proto-Self em gestação, nasce antes de nascer e vai nascendo ao sabor do tempo que o une à primeira interacção. Porém, só há fogo de vida, quando a química de dois seres se cruza no espaço do desejo, muito mais que um segundo biológico é a verdade relacional desses seres que unirá Prometeu ao seu destino.

A substância viva (Freud, 1922), nascida da união dos pais, está entregue à continuidade materna sendo concebida no espaço triádico mãe/placenta/feto. Concorrem para a sua existência movimentos dinâmicos que integram componentes inatas - funções motoras, sensoriais e integrativas (Mancia, 1981) - condições à priori do sujeito para existir e interagir com o exterior. A motricidade dos fetos revela a singularidade existencial, apesar de ser possível estabelecer um padrão sobre as capacidades motoras, no que diz respeito à sua fase gestacional, evidenciam-se diferenças quanto ao ritmo e intencionalidade dos movimentos; a individualidade do comportamento observa-se no final do terceiro mês dependendo também da estrutura muscular (Flanagan, 1962). Os canais sensoriais desenvolvem-se com precocidade demonstrando a necessidade de construção interactiva: a visão à 20ª semana, capacidade para abrir as pálpebras e captar a luz, o paladar como desenvolvimento das papilas gustativas à 12ª semana, a audição como resposta a estímulos acústicos à 20ª semana, o tacto pela sensibilidade bucal à 8ª semana e a sensibilidade corporal à 14ª semana, o olfacto com maturação funcional à 24ª semana (Mistretta e Bradley, 1975). É assim possível receber informações utilizando a capacidade integrativa (Piontelli, 1992), promovendo a construção de um núcleo psíquico pré-natal onde as informações sensoriais provenientes dos objectos externos são transformadas em representações - primeiros objectos internos (Mancia, 1981). As Pulsões manifestam-se nas representações mentais do Self através de objectos carregados de afecto - experiências emocionais (Fonagy, 2001). Torna-se pertinente o conceito de transparência psíquica, onde se evidencia a permeabilidade das representações inconscientes e a autenticidade das vivências iniciais do ser humano (Bydlowski, 1995).

Integrando as observações actuais de fetos e os fundamentos psicanalíticos, com especial relevo para a teoria pulsional Freudiana e recorrendo à representação espacial, consideremos o seguinte esquema.

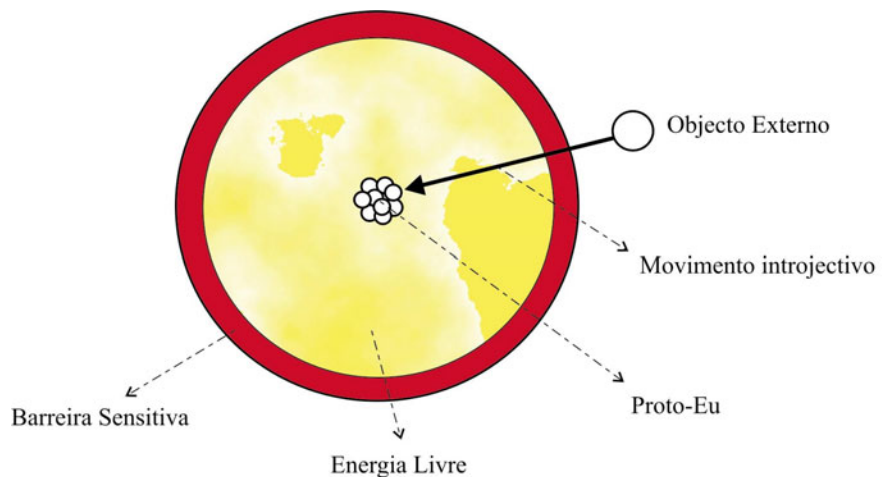


Fig.1- Modelo Dinâmico de Representação Espacial do Funcionamento Psíquico (2003)

A barreira sensorial, “pele psíquica”, recebe a informação inicial permitindo juntamente com energia livre, a formação dos primeiros objectos introjectados sob a forma de incorporações que originam uma “mórula psíquica” - Proto Eu. Esta construção interna, de fundo relacional é inter subjectiva na medida em que se forma na ponte entre a totalidade psíquica da mãe (consciente e inconsciente), e o inconsciente do filho. Assim, a antecipação e continuidade do comportamento do bebé, nascem da interacção entre o inato pulsional e o adquirido relacional, no cruzamento entre o filogenético e o ontogenético..

A compreensão da formação e desenvolvimento da personalidade não poderá viver só de fios deterministas, nem só do jogo a dois e depois a três, mas do espaço de comunhão das imagens do real, da união de teorias, que ao excluírem-se afastam-se da realidade, limitando-se à sua hermética ortodoxia.

As observações de fetos dão-nos pistas importantes: da continuidade de comportamentos depois do nascimento às reacções à voz da mãe, da rejeição materna à dor *in útero*, do reconhecimento da música às sensações de prazer (Chamberlain, 1998).

Perto do nascimento quebra-se a continuidade biológica, as alterações rítmicas e a situação de parto impelem para a primeira separação, é a descontinuidade imposta pelo princípio da realidade na iminência da angústia de morte/fragmentação, e na realidade do nascimento. O que inicialmente será simbiótico, no sentido biológico de ganho para ambas as partes, pós nascimento poderá transformar-se no perigoso jogo fusional com perda de individualidade para ambos, arriscando a idealização da criação de um ser ideal e fundido, onde os desejos se transformam em necessidades e o espaço identitário se encontra comprometido. A saída do labirinto existencial da continuidade está no terceiro elemento; resta como solução para o dilema da ilusória unificação da díade, a possibilidade de diversificação, que pragmaticamente poderá significar a introdução do pai e que definitivamente terá de passar pela introdução do terceiro elemento.

João dos Santos refere na sua obra *A casa da Praia* (1997), que na relação primária não é preciso pensar. É o terceiro elemento que permite a organização estrutural, o que frustra, o que separa, o que é mais do que uma mãe clivada, porque é algo que está para além dela, sendo inicialmente a evidência da sua ausência. Neste sentido é o terceiro elemento que permite que o primeiro (o filho), se separe do segundo (a mãe), trazendo o princípio da realidade à relação dual e introduzindo a triangulação.

Prometeu chega a Ágora, depara-se com a diferença, com a competição, com o ciúme, mas também com a riqueza da diversidade relacional – as novas formas de amar e significar o mundo que o retiram do sonho autístico do isolamento - agora mais próximo da pletora ondulante das imagens do real, lançado ao desafio do grupo: o grupo família, o grupo de pares, o grupo de análise.

A situação Grupal reveste-se de características singulares em que a repetição de comportamentos aparece como uma evidencia, mas onde será possível a criação do novo - o advento da nova relação - mergulhando na identidade grupal e permitindo a regulação das necessidades narcísicas e de estruturação do Self (Dinis, 2000) - à tona do grupo ou ficando submerso na “protecção amniótica da mãe grupo”, nesta dinâmica de dependência e autonomia; mas sempre com a possibilidade da triangulação, proporcionando ao grupalisando a reconstrução da sua identidade pessoal.

Porque o grupo funciona como uma miríade onde as imagens de si ultrapassam o espelho original, o deformador de imagens interno. Reparar, reconstruir e re-significar, no jogo relacional, é a proposta audaciosa do processo grupanalítico, que contraria a corrente alienante do tempo vivido dos nossos dias e onde ainda permanece adormecida a esperança de uma caixa de Pandora.

Bibliografia

- Bydlowski, M. (1995) *La Relation Foeto-Maternelle et la Relation de la Mère à son Fœtus*, in Lebovici, S. Diatkine, R e Soulé, M. *Nouveau Traité de Psychologie de l'Enfant et de l'Adolescence*, T III. Paris, Puf. 1881-1891.
- Chamberlain D. (1998) *The Mind of your Newborn Baby*. California North Atlantic Books.
- Dinis, C. (2000) *Da Comunicação à Interpretação em Grupalise*. Revista Portuguesa de Grupalise. Fim de Século, Lisboa. 2:23-30.

- Flanagan, G. L. (1962) *The First Nine Months of Life*. New York, Touchstone book.
- Fonagy, P. (2001) *Attachment Theory and Psychoanalysis*. New York. Other Press.
- Freud, S. (1922) *A Teoria da Libido. Além do Princípio de Prazer Psicologia de Grupos e outros trabalhos - Volume XVIII*. Rio de Janeiro. Edição Standard. 271-274.
- Mancia, M. (1981) *On the beginning of mental life in the foetus - Internacional Journal of Psycho-Analysis*, 62, 351-357.
- Mistretta, C. M. Bradley, R. M, (1975), *Taste and Swallowing in utero*, Br. Med Bull. 31-81
- Piontelli, A. (1992) *From Fetus to Child*. London. Brunner – Routledge.
- Santos, João. (1997) *A Casa da Praia – O Psicanalista na Escola*. Lisboa, Livros Horizonte

Mário David

*Médico Psiquiatra**Membro Candidato da Sociedade
Portuguesa de Grupanálise**Hospital Miguel Bombarda
Equipa do CINTRA*

Comunicação Afectiva / Interação Emocional no Processo Grupanalítico

Resumo

A presente comunicação pretende fazer uma abordagem teórica sobre a importância da Comunicação Afectiva / Interação Emocional nos fenómenos psicodinâmicos em Ambiente Grupanalítico (na Matriz Grupal, nos Processos Transferencial e Contra - Transferencial, na Ressonância Emocional, nos Momentos de Encontro, nos Processos de Identificação, etc.) e as suas implicações teóricas, tendo em conta, os mais recentes dados da investigação em Neuro-Ciências dos Afectos e as reformulações teóricas da Psicanálise do Desenvolvimento.

Palavras Chaves: Comunicação Emocional, Emoções, Grupanálise, Psicanálise do Desenvolvimento, Vinculação

Preâmbulo

O presente trabalho pretende abrir uma reflexão sobre a importância da comunicação afectiva/emocional nos processos terapêuticos analíticos, em particular, em Grupanálise, tendo em conta, os recentes aportes teóricos e clínicos, provindos de diferentes áreas da investigação, da Psicanálise do Desenvolvimento e das Neuro-Ciências dos Afectos.

Todos nós sabemos que os processos afectivo-emocionais são, na sua maioria, inconscientes e referem-se essencialmente, aos aspectos não-verbais da comunicação humana.

Trata-se de um assunto de grande actualidade, o qual esteve sempre presente na mente dos teóricos do Movimento Grupanalítico, mas ele nunca foi tema de uma reflexão sistematizada.

Como o Processo da Comunicação Afectiva/Emocional têm sido pensado pelos Autores Grupanalíticos?

Para já, a **comunicação**, *per si*, surge como um dos três processos dinâmicos básicos em Grupanálise, a par da **relação** e da **configuração** e na sua descrição surge desde logo, a **componente afectivo/emocional**, quando Cruz Filipe (1969) escreve: “a comunicação é um processo essencialmente dinâmico por meio do qual se dão as trocas de afectos, pensamentos e necessidades com os Outros.... É imensamente variável – série de processos conscientes e inconscientes, - comunicação verbal, sintomas. Entre ambos estão todas as formas de comunicação não verbal”... ou Ponciano Ribeiro (1981) quando se lhe refere como “algo que acontece para além dos limites da palavra” ou “a palavra vestida de sentimento é comunicação”...

Já em 1953, Foulkes já dava muita importância à **comunicação afectiva**, quando ele se referiu que: “nas comunicações de cada membro do grupo existe sempre um nível subjacente de cariz afectivo ou emocional, pois às comunicações de cada pessoa vão as outras responder de modo instintivo e inconsciente” ou quando ele clarifica um pouco melhor esta questão, em 1975, ao afirmar que: “cada um dos membros do grupo comunica de acordo com a sua ressonância (afectiva) particular correspondendo à sua própria psicopatologia ou à sua relação particular para com aquela pessoa ou para a inferência implicada naquele mesmo momento”...

Este mesmo autor (Foulkes, 1964/1968) atribuiu um papel fundamental aos Afectos nos processos da comunicação em grupo, considerando estarem eles profundamente ligados aos factores terapêuticos específicos da situação grupanalítica. Questão que foi também realçada por Malcolm Pines (1983), no seu livro “The Evolution of Group-Analysis”. Nos factores terapêuticos (a socialização, os fenómenos de espelho e da simbolização e a partilha ou troca) estariam presentes **dimensões afectivas**. Por exemplo, na partilha não haveria somente uma troca informações, mas também de vivências (afectivas), “as quais permitiriam a compreensão, em cada um dos membros, dos significados das interações e dos problemas emocionais em discussão”... Malcolm Pines (1983) acrescentaria que: “isto também poderia levar ao desencadeamento de “fenómenos em cadeia e à ressonância afectiva”.

Ponciano Ribeiro (1981) relembra-nos que entre os agentes dinâmicos facilitadores da mudança psicológica, “a **experiência emocional correctora** constitui a capacidade de revivenciar no aqui e agora do grupo, os acontecimentos traumatizantes passados, sem os conflitos e censuras passadas” e que “esta **re-experiência emocional no aqui e agora do grupo** poderá, de facto, fazer com que alguém sinta a significação real do seu problema”...

Em Portugal, Mendes Leal, citada por Cruz Filipe (1969) “postulava que o valor terapêutico do processo grupalítico, passava pelas **re-experimentações das emoções (pulsões procurando descarregar-se) num grupo actual analítico e pela sua re-experimentação dentro duma rede de grupo**”.

A estes aspectos dos processos de comunicação em grupo, Eduardo Luís Cortesão designou-os, em 1989, de “**fenomenologia do processo grupalítico**”.

Num artigo publicado recentemente, César Vieira Dinis (Dinis, 2000) volta a chamar à atenção de que a **Comunicação** sempre esteve no cerne da conceptualização grupalítica conforme, ele ressalta exemplarmente, se considerarmos a definição de “**matriz**” do grupo, conceito nuclear na teoria e praxis grupalíticas. Este autor reportando-se ao entendimento de matriz em Foulkes (1967), como a “**teia hipotética de comunicação e relação num dado grupo**” e a Cortesão (1989) que a ampliou para a “**rede específica de comunicação, relação e elaboração**”, Vieira Dinis, em 1994, acrescenta à definição de matriz, o aspecto de **rede de transação emocional**, pois para ele: “na situação grupalítica... estabelecem-se gradualmente inter membros canais de comunicação e transações relacionais carregadas de teor afectivo” e lhe parecia que: “**estas transacções emocionais** contemplam no essencial, o que se entende por **vínculo**, na dimensão inter-subjectiva, enquanto estruturas agregando pessoas”.

Portanto a compreensão de uma parte importante do nosso trabalho, passa pelo nosso entendimento, como os aspectos afectivos dos mecanismos inconscientes presentes na matriz grupalítica, tais como, a **empatia, a identificação, a projecção, a transferência ou a contra-transferência**, se desenrolam nas mentes dos pacientes e do terapeuta, em torno dos fenómenos relacionais em grupo.

Vamos agora abordar, a questão dos afectos e da emocionalidade na estruturação psíquica da Mente, partindo da compreensão de alguns modelos teórico-clínicos recentes, de diferentes áreas de investigação os quais podem ser heurísticamente muito úteis para todos nós, ajudando-nos a pensar por novos caminhos clinicamente úteis e a estender as nossas linhas de raciocínio nestas áreas.

Os Aportes da Psicologia do Desenvolvimento e das Neurociências

Nos últimos anos, estudos clínicos e experimentais em psicologia infantil têm convergido na **centralidade das funções afectivas** nos primeiros anos de vida. Em paralelo, estudos em neuro-ciências dos afectos têm descrito sistemas estruturais lateralizados à direita, os quais medeiam as funções sócio-emocionais não-conscientes do cérebro descritas pelos Psicanalistas do Desenvolvimento.

Num artigo recente, Allan Schore (2003) articulou bastantes dados sobre como a maturação estrutural do cérebro direito é directamente influenciada pelos relacionamentos de vinculação, oferecendo-nos uma oportunidade para compreender a origem, a dinâmica e a estrutura dos conteúdos inconscientes da Mente. Segundo ele, os actuais modelos psico-neuro-biológicos indicam que o **núcleo do inconsciente é um núcleo afectivo psico-biológico** (Schore, 1994), já descrito por Emde (1983) quando este identificou a estrutura integrada e primordial do Self, como tendo um “**núcleo afectivo**” emergente, aonde se mantêm as imagens do Self e os registos de todas as emoções, cognições e memórias associadas que se formaram durante a infância. De facto, Freud (1915) já tinha deduzido que o sistema inconsciente surge muito cedo na vida, bastante antes das funções verbais conscientes.

Actualmente o desenvolvimento humano não pode ser compreendido fora do processamento da informação sócio-emocional e da transação psico-biológica, considerando-se que o desenvolvimento das **capacidades de experienciar, comunicar e regular as emoções** são, momentos chaves da nossa infância.

Existe um corpo de evidências científicas que indicam que o desenvolvimento destas capacidades é uma experiência dependente de processos maturacionais do hemisfério direito, a que o neuro-cientista Robert Ornstein designou de “**mente direita**”. Sabe-se que o hemisfério direito matura antes do esquerdo e que o seu crescimento é bastante intenso no primeiro ano e meio de vida e dominante para os 3 primeiros anos (Chiron et al., 1997), um dado, na linha da assunção de Freud de que o processo primário precede ontologicamente às funções dos processos secundários.

Sabe-se que as experiências interactivas precoces entre o cérebro e o ambiente social são mediadas **pelas comunicações afectivas e pelas transacções psico-biológicas** e que as influências do meio social são imprimidas nas estruturas biológicas em maturação durante as fases iniciais do crescimento cerebral, através de um impacto directo sobre os sistemas genéticos que programam o crescimento cerebral (Schore, 1994, 2003a, 2003b) e que o meio ambiente social tem poderosos efeitos na estrutura do cérebro, o que está de acordo, com a concepção de Anna Freud (1965) de que a estruturação psíquica resulta por um lado, de sucessivas interacções entre as sequências maturacionais biológica e geneticamente determinadas na criança, por outro, as influências experienciais e ambientais.

Estas experiências interactivas precoces são, essencialmente, as **comunicações sócio-emocionais** envolvidas num **relacionamento de vinculação regulatória dos afectos entre a criança e a sua mãe**.

Os produtos do crescimento emocional são: a **emergência de capacidades** cada vez mais complexas de **regulação dos afectos**, a **mudança da regulação externa para uma regulação interna** e a **obtenção de uma capacidade essencialmente adaptativa para a auto-regulação dos afectos**.

A neurobiologia do desenvolvimento emocional refere-se a uma **“construção social do cérebro humano”** (Eisenberg, 1995) que é uma tarefa desde o nascimento e que se desenrola essencialmente no 1º ano da vida do bebé. O recém-nascido utiliza desde logo, as suas capacidades sensoriais, em particular, **o cheiro, o paladar e o toque**, para interagir com o meio social. Aos 2 meses de idade, ocorre o início de um período crítico de maturação do córtex occipital (Yamada et al., 2000), o qual está ligado à **visão**, que permite uma mudança e progressão dramáticas das suas capacidades sociais e emocionais. A partir de então, a **face expressiva e emocional da mãe**, passa a ser de longe, o estímulo visual mais potente e a criança começa a revelar um intenso interesse pela face e, em particular, **pelos olhos da mãe**, seguindo-os no espaço e envolvendo-se ambos, em períodos de intensa fixação mútua. Desde logo, surge um processo de aprendizagem para cada parceiro da díade mãe-filho, da estrutura do Outro e de modificação do seu comportamento no sentido de se ajustarem a este processo se designa de **sincronia**.

Allan Schore (2003) descreve o modo como a mãe intuitiva, sintoniza e ressoa com o estado psico-físico da criança, designando este processo como **sincronização afectiva**, no qual o bebé é activado (ou desactivado ou hiperactivado) dinamicamente e a mãe corrige a intensidade e a duração da sua estimulação afectiva com a finalidade de manter uma situação positiva na criança. De facto, segundo este autor, a coordenação das respostas é tão rápida, o que lhe sugere a existência de um **elo ou vínculo de comunicação inconsciente**, numa **matriz interactiva** promotora da expressão dos afectos internos da criança.

A mãe ou o cuidador primário também participam no restabelecimento interactivo da **regulação dos estados de tensão induzidos** na criança, sendo a **tensão**, definida como, uma **assincronia numa sequência de interações**. seguindo, um período de restabelecimento da sincronia que permite a recuperação da tensão. Havendo um padrão de correspondência entre a **disrupção** e a **reparação do cuidador “suficientemente bom”**. De facto a **sintonia psicobiológica**, a **ressonância interactiva**, a **sincronização mútua** e o **abarcamento dos ritmos psico - biológicos** são os processos fisiológicos que medeiam a formação dos elos de vinculação e estes processos regulatórios são precursores da **vinculação psicológica e das emoções associadas**.

Ele conclui que a **Vinculação** é um processo interno que promove a transferência dos afectos entre mãe e criança, pois a mãe sincroniza e ressoa com os ritmos dos estados internos da criança e regula o nível de estimulação não só minimizando os afectos negativos, mas também a maximização das oportunidades para o afecto positivo. Aliás Stroufe (1996) já considerava que a **Vinculação é a regulação diádica (interactiva) da emoção**.

Alguns dos importantes resultados de uma **Vinculação segura** são aqueles que estão ligados ao surgimento das **sensações internas de segurança e de resiliência**, baseadas no conhecimento intuitivo de que podemos regular os nossos fluxos afectivos e as mudanças de estados emocionais do nosso corpo e no desenvolvimento de uma **função reflexiva**, a operação mental que permite a percepção do estado emocional do Outro (Fonagy e Target, 1997).

Por oposição, quando se cresce em ambientes perturbadores para a **Vinculação** e para a formação da **Personalidade** apresentam-se défices ligados a **perturbações da empatia**, isto é, **capacidades limitadas na percepção dos estados emocionais** ou **falhas na atribuição dos estados emocionais** ou na **interpretação das intenções dos outros** ou ainda **capacidades limitadas para modular a intensidade e duração dos afectos**, especialmente os **primários**, isto é, sob tensão psíquica, não se experienciam afectos diferenciados ou discretos, mas antes, estados difusos, não-diferenciados e caóticos acompanhados por esmagadoras sensações viscerais e somáticas. A estas capacidades restritas para reflectir sobre os seus estados emocionais, Fonagy e Target (1997) designaram de **falta de mentalização**.

Como as Relações Primárias se tornam internalizadas e se transformam em Estrutura Psíquica?

A **Teoria Regulatória da Vinculação** de Allan Schore (2003a) afirma que: “as interações face a face estão sincronizadas e sintonizadas psico-biologicamente, no hemisfério direito da criança, o qual é dominante para o reconhecimento da face maternal e para a percepção da estimulação induzida das expressões faciais afectivas, da informação visual emocional e da prosódia da voz da Mãe”... e é “regulada pelos estímulos do cérebro direito da Mãe”, sugerindo que “a **Vinculação** é, na sua essência, a regulação de sincronismos biológicos dos Cérebros direitos entre organismos”(mãe e filho) e o seu mecanismo de aprendizagem será o **“imprinting”**.

Estudos neurobiológicos recentes revelaram que é o **córtex órbito-frontal**, a estrutura que está envolvida “ao mais alto nível no controlo do comportamento, em particular, em relação à emoção” (Price et al., 1996) e que joga “um papel particularmente proeminente na modulação emocional da experiência” (Mesulam, 1985). Esta estrutura é descrita como a região cortical nodal para a junção e monitorização do passado relevante e as actuais experiências, inclusive, as afectivas e os valores sociais” (Cavada e Schultz, 2000) e que está “envolvida em funções humanas críticas, tais como, a **adaptação social, o controlo do humor, as pulsões, e a responsabilidade**, traços que são cruciais na definição da “personalidade” de um indivíduo” (Cavada e Schultz, 2000).

Estas regiões órbito-frontais não são funcionais à nascença, mas entram em funcionamento, no decurso do último trimestre de 1º ano de vida, (Shore, 2003) .

Estes sistemas órbito-frontais têm uma função de controlo executivo sobre todo o **cérebro direito** no qual se pensa “existir um **“léxico afectivo não-verbal”**, um vocabulário para sinais afectivos não verbais, tais como, expressões faciais, gestos e tonalidades vocais” (Bowers et al., 1993; Snow, 2000). No cérebro direito está sendo associado para além, do **processamento emocional**, com o processamento dos **pensamentos contextual, espacial e global**, assim como com a **informação não-verbal e sócio-emocional e a integração da informação a partir do corpo**.

Em apoio ao seu papel, no sincronismo biológico, sabe-se que a **actividade do hemisfério direito é instrumental para percepção empática dos estados emocionais dos outros seres humanos** (Shore, 1994, 2003). Allan Shore (2003) considera que a regulação interactiva do cérebro direito será possivelmente, o **substracto da empatia** e no qual se armazena um **modelo operativo interno do relacionamento vincutivo**, o qual codifica as estratégias da regulação afectiva que mantêm a **regulação básica** e o **afecto positivo** mesmo perante as mudanças envolventes (Shore, 1994). Este modelo inconsciente, estará guardado, segundo Fink e colaboradores (1996), nas **memórias implícitas procedurais** que fazem parte do substracto da **memória autobiográfica carregada afectivamente**.

Será no córtex órbito-frontal, responsável “pelas interacções cognitivo-emocionais”, a área aonde se geram os **modelos de trabalho interno** que contém as representações dos componentes afectivos e cognitivos que geram linhas não-conscientes que guiam o comportamento antes que o conhecimento consciente ou reflexivo o faça (Bechara et al., 1997) e que codificam a possível significância das opções comportamentais futuras (Dolan, 1999) representando um importante sítio de contacto entre a informação emocional e os mecanismos de selecção da acção (Rolls, 1996). Tudo isto parece estar, de acordo, com a assunção de Bowlby (1981) de que os **modelos operativos internos inconscientes** são usados como guias para a acção futura.

Um outro autor (Brothers, 1995) descreveu um circuito límbico a partir do córtex órbito-frontal cuja funções funcionariam como um **“editor” social** especializado no processamento das intenções sociais dos outros “através da avaliação dos significados dos gestos e das expressões “ e que “encorajaria o resto do cérebro a relatar sobre acontecimentos do ambiente social”. Este **editor** agiria como um sistema unitário “especializado para responder a sinais sociais de todo o tipo, um sistema que iria construir, em última instância, **“as representações na mente”**”.

Neste córtex órbito-frontal que se encontra maturado, a meio do 2º ano de vida, é aonde se começa a consolidar um **núcleo de Self não verbal e inconsciente**, apoiado em padrões de regulação afectiva. Este núcleo de Self terá progressivamente a capacidade de corrigir de modo flexível os estados emocionais através das interacções com os outros seres humanos via contextos inter-conectivos (**regulação interactiva**) ou via contexto autónomo (**auto-regulação**) e com a capacidade de mudar entre estes dois modos regulatórios, dependendo do contexto social.

Algumas Implicações para um Modelo Psico-Neurobiológico em Grupanálise

Esta série de dados clínico-teóricos apresentados permitem-nos fundamentar a possibilidade de existirem **processos neuro-biológicos e psico-biológicos** na comunicação afectivo/emocional e na dinâmica relacional dos processos grupanalíticos.

Nesta nova perspectiva de compreensão das interacções analíticas em grupo, podemos afirmar que estas são **relacionamentos emocionais com origem em processos primários de vinculação**, onde as **comunicações afectivo/emocionais** são essencialmente, sinais sobre a qualidade das relações infantis e que estão ligadas a **representações interactivas codificadas nas memórias implícitas-procedurais** (Amini et al., 1996).

Estes relacionamentos emocionais ocorrem dentro da **aliança terapêutica**, sendo esta, um contentor e um activador dos afectos e das emoções experienciados em todos os outros relacionamentos anteriores, com a sua intensidade determinada, pelo grau de vinculação e de intimidade experienciados no relacionamento terapêutico actual.

Durante a criação da **aliança terapêutica**, o terapeuta empático e intuitivo deve experienciar um **estado de sintonia vitalizante em relação ao paciente** (Schore, 1994, 2003a), isto é, deve existir entre ele e os pacientes, estados de **sincronia afectiva não-verbal** e de **ressonância afectiva** não somente para com os estados mentais (cognições), mas também para com os estados psicobiológicos (afectivo-corporais) deles. O terapeuta empático deve estar **atento a nível consciente** às verbalizações de modo a diagnosticar objectivamente e a racionalizar a sintomatologia de des-regulação dos pacientes. Simultaneamente, ele estará em escuta e em interacção **num outro nível de experiência subjectivo**, abaixo do discernimento, onde ele processa a informação sócio-emocional. O terapeuta deverá estar imerso de modo empático e **“sintonizado para o fluxo contínuo e para as mudanças nos sentimentos e experiências dos pacientes”** como descreveu Kohut (1971) ou em situação de **“eventual atenção flutuante”**, como afirmava Freud, em 1912, sobre este estado de disponibilidade receptiva ou ainda em situação de **“rêverie”** ou **“estado de sonho (consciência) alfa”**, segundo a conceptualização de Bion (1962).

Desde o primeiro momento do contacto, o terapeuta deve apreender as estruturas rítmicas não-verbais dos estados internos dos pacientes, modificando o seu comportamento de modo relativamente flexível e fluído, a fim de se sincronizar com tal estrutura, criando assim, um contexto para a **organização de uma aliança terapêutica**.

Esta aliança terapêutica é estruturada numa **aprendizagem implícita e procedural** (inconsciente) (Hugdhal, 1995, Rolls, 1996), **dos processos não-verbais** (Schore, 1994) e **ligados à emoção** (Rolls et al., 1994), a fim de criar um tal **“conhecimento relacional implícito”** a que Stern e Colaboradores (1998) consideraram estar no **“centro da mudança terapêutica”** e na **“organização de uma nova aprendizagem”**.

Durante o encontro terapêutico, o analista deverá tomar consciência dos seus estados mentais psico-biológicos e das impressões contra-transferenciais obtidas através das comunicações transferenciais inconscientes dos pacientes. Estas comunicações são expressas nos **“momentos afectivos intensificados”** quando os **modelos internos de funcionamento do paciente** são acedidos e assim revelados os **modos transferenciais** e as **estratégias de “coping”** da regulação dos afectos dos pacientes (Schore, 2003a).

O terapeuta psicobiologicamente sintonizado terá a oportunidade para actuar como um **regulador afectivo e interactivo** dos estados des-regulados dos pacientes (Schore 2003a), pois uma das suas finalidades, é a **promoção da regulação dos afectos**.

Em relação aos fenómenos da **transferência** (Wallerstein, 1990) e da **contra-transferência** (Gabbard, 1995), estas podem ser descritas, em termos emocionais, da seguinte maneira: A **reação transferencial**, como o aparecimento de emoções deslocadas, envolventes e emergentes que expressam os significados das relações interpessoais da mais afastada infância. Aliás, Freud já tinha constatado que a **emoção** aparecia repetitivamente **na situação de transferência** e mantinha-se aí, até ao instante, em que podia ser reconhecida ou assumida. Quando o paciente a aceitava, distanciava-se face à emoção revivida e o **discernimento** (insight) tornava-se possível e útil.

Nas actuais perspectivas psico-neurobiológicas, os **fenómenos transferenciais**, podem ser encarados, como processos interactivos de regulação emocional, baseados na re-experienciação de momentos emocionais projectados no analista ou nalgum dos participantes do grupo, de conflitos e/ou vivências particulares reportadas à infância de cada um. Estes **momentos emocionais transferenciais** ocorrem durante momentos de excitação (estimulação) emocional, em que a atenção está alterada e existe “uma elevação da sensibilidade para as disposições relacionadas com o estado emocional do momento” (Lane et al., 1999).

Em relação ao fenómeno da **Identificação**, expressão mais precoce da relação afectiva com outra pessoa, a base deste processo consiste essencialmente em certos aspectos de um Ego se transformam por influência de outro Ego. Este fenómeno permite verdadeiras catarses com o desencadear e aflorar de emoções e sentimentos reprimidos durante anos, perante as pessoas significativas do passado, sendo através dos mecanismos da **Identificação** que os elementos do grupo conseguem expressar, exteriorizar e modificar as emoções e sentimentos ou os seus padrões primitivos de conduta os quais se tornam disponíveis para a clarificação através da **interpretação** do grupanalista.

Quanto à **Interpretação**, esta deve ser feita sobretudo em momentos de transferência positiva ou em momentos vivenciais profundos do grupo, quando o Grupanalista tenta fazer uma regulação emocional correctiva, colocando, às claras, os **processos de resistência** (situações de des-regulação emocional) e os **mecanismos de defesa** (reações ao stress emocional) que estão a ser despoletados pelas vivências emocionais do momento transferencial.

Da parte do terapeuta, as **Interpretações** mais efectivas devem estar baseadas, segundo Boyer (1990), no **“discernimento das suas próprias respostas físicas, emocionais e ideacionais às mensagens veladas do paciente”** e da parte dos pacientes, os “entendimentos mais adequados” ocorrem quando eles sentem o analista sintonizado para o seu estado psico-biológico, no momento em que a interpretação é oferecida.

Num “diálogo genuíno” com o terapeuta, os pacientes levantam a partir dos mundos internos e depois em palavra falada, o que eles necessitam dizer num momento particular mas que eles ainda não possuem como discurso. Os pacientes precisam de experienciar esta descrição verbal dos seus estados internos, como ouvidos e sentidos por um Outro empático. Desta maneira, os aspectos emocionalmente responsivos das intervenções do terapeuta são transformadores, isto é, tornar “os sentimentos crus em símbolos”, o que permite, segundo Holmes (1993), uma conexão entre dois domínios representacionais, o não-verbal implícito e o verbal explícito. De acordo, com Stolorow e Atwood (1992), iria facilitar a “evolução dos afectos a partir da sua forma primitiva, na qual eles eram experienciados como sensações corporais, em estados subjectivos que podem ser gradualmente articulados verbalmente”.

Os mecanismos essenciais que regulam, em tempo real, as conexões, desconexões e re-conexões dos mundos internos dos pacientes e do terapeuta são mediados pelas transacções da transferência – contra – transferência não-verbais.

Enfim o processo grupanalítico pode ser um meio para o desenvolvimento afectivo do adulto que serve o propósito da reflexão consciente sobre os seus processos afectivos, permitindo o desenvolvimento de uma “parte pensante do cérebro emocional” (Goleman,1995) ou “de uma agência organizadora e auto-reflexiva da mente” (Karen Kaplan-Solms e Mark Solms,2000), com a finalidade de “integrar e atribuir os significados emocionais e motivacionais às impressões cognitivas ou fazer a associação da emoção com as ideias e os pensamentos” (Joseph, 1996), cujo papel é o de elaborar o conhecimento reflexivo do Self, o qual permite às pessoas reflectirem sobre os seus estados emocionais, assim como, os dos Outros.

Para terminar esta reflexão ainda incompleta sobre a Comunicação Afectivo/emocional em Grupanálise, o autor gostava de realçar que esta questão também passa pela compreensão da intersubjectividade relacional inscrita na matriz grupal apoiada no exercício das nossas capacidades empáticas e no facto de ter de estarmos atentos às nossas intuições sobre tudo aquilo que os nossos analisandos nos suscitam dentro dos relacionamentos íntimos que aí se desenrolam.

Bibliografia

- Amini, T. F., Lewis, T., Lannon, R. et al. (1996) *Affect, Attachment, Memory: contributions toward psychobiologic integration. Psychiatry*, 59: 213-239.
- Bechara, A., Damásio, H., Tranel, D. e Damásio. A.R. (1997) *Deciding advantageously before knowing the advantageous strategy. Science*, 275: 1293-1295.
- Bion, W. R. (1962) *The psychoanalytical study of thinking: II. A theory of thinking. International Journal of Psycho-Analysis*, 43: 306-310.
- Boyer, L. B. (1990) *Countertransference and technique*. In: Boyer & Giovacchini (Eds.), *Master Clinicians on Treating the Regressed Patient*. Northvale, NJ: Jason Aronson.
- Bowlby, J. (1981) *Attachment and Loss, Volume 3: Loss, Sadness, and Depression*. New York: Basic Books.
- Bowers, D., Bauer, R.M. e Heilman K.M. (1993) *The non verbal affect lexicon: theoretical perspectives from neuropsychological studies of affect perception. Neuropsychology*, 12:446-458.
- Brothers, L. (1995) *Neurophysiology of the perception of intention by primates*. In MS Gazzaniga (Ed.), *The Cognitive Neurosciences*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Cavada, C. e Schultz, W. (2000) *The mysterious orbitofrontal cortex. Foreword. Cerebral Cortex*, 10: 205.
- Chiron, C., Jambaque, I., Nabbout R, Lounes, R. et al. (1997) The right brain hemisphere is dominant in human infants. *Brain*, 120: 1057-1065.
- Cortêsão. E. L. (1989) *Grupanalise – Teoria e Técnica*. Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- Cruz Filipe, E. M. (1969) *Contribuição Grupoanalítica para uma Teoria das Neuroses*, Anais Portugueses de Psiquiatria, Vol.XXI – nº.18 pp.192-197, Dez., Lisboa.

- Dinis, C.V. (1994) *Algumas Reflexões a propósito da Neurose de Transferência em Grupanálise*, Revista Portuguesa de Grupanálise 5:7-18, Lisboa.
- Dinis, C. V. (2000) *Da Comunicação à Interpretação em Grupanálise*, Revista Portuguesa de Grupanálise, Nova Série nº2, Outono, 2000.
- Dolan, R. J. (1999) *On neurology of morals*. *Nature Neuroscience*, 2: 927-929.
- Emde, R. N. (1983) *The pre-representational Self and its Affective Core*. *Psychoanalytic Study of the Child* 38: 165-192.
- Eisenberg, L. (1995) *The social construction of the human brain*. *The American Journal of Psychiatry*, 152: 1563-1575.
- Fink, G. R., Markowitsch, H. J., Reinkemeier, M., Bruckbauer, T. et al. (1996) *Cerebral representation of one's own past: neural networks involved in autobiographical memory*. *Journal of Neuroscience*, 16: 4275-4282.
- Fonagy, P e Target, M. (1997) *Attachment and reflective function: their role of self-organization*. *Development and Psychopathology*, 9:679-700.
- Foulkes, S. H. (1953) *Some Similarities and Differences Between Psycho-Analytic Principles and Group-Analytic Principles*. *British Journal of Medical Psychology*, Vol.XXVI, Part1; pp. 30-35.
- Foulkes, S. H. (1964/1968) *Grupo-Análise Terapêutica*. Biblioteca Universitária, Pub. Europa-América, Lisboa.
- Foulkes, S. H. (1967) *The Concept of Group Matrix*. *Group Analysis*, 1:31-35.
- Foulkes, S. H. (1975) *Group-analytic Psychotherapy Method and Principles*, Interface Book, Gordon and Breach, Science Publisher, Ltd. London.
- Freud, A. (1965) *Normality and Pathology in Childhood*. New York: International Universities Press.
- Freud, S. (1912). *Recommendations to Physicians Practicing Psycho-analysis*. S.E., 12
- Freud, S. (1915) *The Unconscious*. S.E., 14.
- Gabbard, G. O. (1995) *Countertransference: the emerging common ground*. *International Journal of Psycho-Analysis*, 76:475-485.
- Goleman, D. (1995) *Emotional Intelligence*. New York: Bantam Books.
- Holmes, J. (1993) *John Bowlby and Attachment Theory*. London: Routledge.
- Hugdahl, K. (1995) *Classical conditioning and implicit learning: the right hemisphere hypothesis*. In: Davidson & Hugdahl (Eds.), *Brain Asymmetry*. Cambridge, MA:MIT Press.
- Joseph, R. (1996) *Neuropsychiatry, Neuropsychology, and Clinical Neuroscience*. (2ªed). Baltimore: Williams & Wilkins.
- Kaplan-Solms, K. e Solms, M. (2000). *Clinical Studies in Neuro-Psychoanalysis - Introduction to a Dept Neuro-Psychology*. (Ed.) Karnac (Books), London & New York.
- Kohut, H. (1971) *The Analysis of the Self*. New York: International Universities Press.
- Lane R. D., Chua P. M. L. e Dolan R. J. (1999). *Common effects of emotional valence, arousal and attention on neural activation during visual processing of pictures*. *Neuropsychologia*, 37: 989-997.
- Mesulam, M. M. (1998). *From sensation to cognition*. *Brain*, 121:1013-1052.
- Pines, M. (1983) *The contribution of S.H. Foulkes to group therapy*. The Evolution of Group Analysis, ed. Routledge & Kegan, London.
- Ponciano Ribeiro, J (1981) *Psicoterapia Grupo-Analítica – Abordagem Foulkiana: Teoria e Técnica*. ed. Vozes, Petropolis, Brasil.
- Price, J. L., Carmichael, S. T. e Drevets, W. C. (1996). *Networks related to the orbital and medial prefrontal cortex; a substrate for emotional behaviour?* *Progress in Brain Research*, 107:523-536.
- Rolls, E. T., Hornack, J., Wade D. e McGrath J. (1994). *Emotion-related learning in patients with social and emotional changes associated with frontal lobe damage*. *Journal of Neurology, Neurosurgery and Psychiatry*, 57:1518-1524.
- Rolls, E. T. (1996). *The Orbital frontal cortex*. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London B*, 351:1433-1444.
- Schore, A. N. (1994) *Affect Regulation and the Origin of the Self: The Neurobiology of Emotional Development*. Mahwah, NJ: Erlbaum.

- Schore, A. N. (2003). *The Human Unconscious: the development of the right brain and its role in early emotional life*. in *Emotional Development in Psychoanalysis, Attachment Theory and neuroscience – Creating Connections*, coord. Viviane Green, In: Brunner-Routledge (Eds), pp: 23-54, Hove & New-York
- Schore, A. N. (2003a). *The seventh annual John Bowlby Memorial Lecture – Minds in the Making: attachment, the Self-organizing brain, and developmentally-oriented psychoanalytic psychotherapy*. In *Revolutionary Connections – Psychotherapy and Neuroscience*, coord. Corrigan & Wilkinson, Karnac (Books) London & New York.
- Schore, A. N. (2003b). *Affect Regulation and the Repair of the Self*. New York: W.W. Norton.
- Snow, D. (2000). *The emotional basis of linguistic and non linguistic intonation: implications for hemispheric specialization*. *Developmental Neuropsychology*, 17:1-28.
- Stolorow, R. D. e Atwood, G. E. (1992). *Contexts of Being: The intersubjective Foundations of Psychological Life*. Hillsdale, NJ: Analytic Press.
- Stern, D. N., Bruschiweiler-Stern, N., Harrison, A. M., Lyons-Ruth, K. et al. (1998). *The process of therapeutic change involving implicit knowledge: some implications of developmental observations for adults psychotherapy*. *Infant Mental Health Journal*, 19:300-308.
- Stroufe, L. A. (1996). *Emotional Development: The Organization of Emotional Life in the Early Years*. New York: Cambridge University Press.
- Stuss, D. T., Cow, C. A. e Hetherington, C..R. (1992). "No longer Gage": frontal lobe dysfunction and emotional changes. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 60: 349-359.
- Yamada, H., Sadato, N., Konishi, Y., Muramoto, S., Kimura, K., Tanaka, M. et al. (2000). *A milestone for normal development of infantile brain detected by functional MRI*. *Neurology*, 55:218-223.
- Wallerstein, R. S. (1990). *Psychoanalysis: the common ground*. *International Journal of Psycho-Analysis*, 71: 3-19.